



TERRITÓRIOS IN(VISÍVEIS): A PRODUÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO DAS BOATES GLS

Esmael Alves de Oliveira¹

Introdução

O presente artigo é fruto de algumas reflexões delineadas durante o trabalho de campo e teve como meta a produção da dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, intitulada “Nas Fronteiras da Sexualidade: Uma análise sobre os processos de construção e apropriação do espaço em boates GLS do centro da cidade de Manaus”.² Neste sentido, busco problematizar acerca dos diferentes significados sociais atribuídos ao espaço das boates GLS³. Tomando estes locais de entretenimento em sua dimensão antropológica me propus pensá-lo como um constructo social que visa criar representações de gênero, classe e estigma social.

Certamente não poderia deixar de me referir ao próprio contexto geográfico onde estes espaços foram alocados. Meu trabalho de campo teve como objeto de reflexão três boates GLS localizadas no centro da cidade de Manaus, assim sendo, levando em conta o próprio lugar à que estas boates foram socialmente submetidas, o destaque da dimensão política que cerca a construção social destes espaços, foi preponderante. Tomando como base a noção de campo, como apresentada por Pierre Bourdieu (2003), não poderia pensar o espaço das boates sem considerar o elemento de disputa simbólico-política que cerca seu estabelecimento e sua consolidação. Sem cair num fatalismo conformista, que tenderia a encarar estes espaços sociais apenas como produto de preconceito, discriminação e estigmatização social, acredito que eles são produtos de permanentes negociações.

¹ Doutorando em Antropologia Social PPGAS/UFSC e pesquisador NIGS (Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades).

² Sob orientação do Prof. Dr. Sidney Antônio da Silva (PPGAS/UFAM).

³ Alguns autores (França, 2007; Henning, 2008) destacam que a sigla GLS teve seu contexto de “surgimento” numa realidade econômica, onde largos setores do mercado capitalista (bens, serviços, mídia) buscavam inserir a causa gay dentro de um mercado de consumo. Isadora Lins França (2007) localiza este processo de “mercantilização” do “mundo gay” na década de 90, no bojo de várias mudanças significativas que se operaram nas questões relacionadas à questão homossexual a nível nacional. Neste sentido, a sigla GLS seria ilustrativa de uma certa “democratização” dos espaços de entretenimento voltados para homossexuais mas não exclusivamente. Assim sendo, o G de gays, o L de lésbicas e o S de simpatizantes.



Assim sendo, a proposta de pensar estes ambientes como territórios in(visíveis) tem como objetivo entendê-los como produtos e produtores de identidades e representações múltiplas e bastante heterogêneas e que antes de estarem fadados ao anonimato e a invisibilidade, se constituem como um importante instrumento de consolidação das lutas historicamente travadas em torno da visibilização das sexualidades não hegemônicas. Estes micro-territórios (Perlongher, 1987) refletem em seu interior a própria dinâmica social do contexto em que estão inseridos e não poderão ser compreendidos enquanto não forem vistos à partir de dentro, levando em conta sua dinâmica, constituição e especificidade. Neste sentido, a boates não seriam imperceptíveis como num primeiro momento a idéia do in(visível) parece sugerir, antes tem o intuito de chamar a atenção para o modo como estes espaços são pensados e percebidos, ou seja, possibilitar que sua compreensão seja vista de uma forma mais ampla e menos restrita. Visão apenas alcançada quando se tem um olhar de dentro, daí a idéia de in(visível), ou seja, o que é visto por dentro. Como Toneli e Perucchi, compreendo “territorialidade não apenas na dimensão física do espaço, ainda que tal dimensão seja fundamental para a delimitação de fronteiras do gueto, mas fundamentalmente como espaço simbólico constitutivo de modos de vida e de redes sociais a partir das quais sujeitos se constroem” (2006: 39).

Portanto, o estudo sobre as boates GLS do centro da cidade de Manaus nos conduz a uma reflexão sobre as próprias condições e contradições que possibilitam a construção de espacialidades dentro de um contexto específico. Ao indagar sobre estas intencionalidades que cercam a construção dos espaços sociais me detive, sobretudo, nos dilemas que cercaram e cercam o uso de certos espaços por determinados grupos considerados de “pouco valor”, ou mesmo indesejáveis.

Múltiplos espaços, múltiplas negociações

Durante o período de seis meses intercalados, me detive em observar como freqüentador de boates as relações sociais que se constituíam no interior das boates GLS do centro da cidade de Manaus. Minha atenção era voltada, sobretudo, para a dinâmica social desses espaços: dias de funcionamento, atividades, freqüentadores, proprietários, vizinhança, etc. Foram entrevistados proprietários, freqüentadores, moradores e trabalhadores das adjacências das boates, afim de que eu pudesse constituir toda uma teia de relações que contribuísse para a compreensão daquele universo relacional. Em jogo estavam múltiplas identidades, diferentes agentes sociais, distintas formas de marcação da diferença e de afirmação identitárias.



O trabalho de campo deu-se nas três boates GLS do centro da cidade (TS, A2, Cabaré). Cada uma evocava uma especificidade própria; fosse pela estrutura, pelos frequentadores, pela oferta de serviços, etc. A *Boate TS (Turbo Seven)*, também conhecida com o nome de Boate dos Ingleses, é a mais antiga e mais popular boate gay da cidade de Manaus (surge na década de 60). Localizada na zona portuária da cidade, a boate encontra-se situada próximo ao antigo museu do Porto (Rua Vivaldo Lima, nº 31) e atende à um público mais velho (na faixa dos 40 aos 60 anos). A *boate A2* por sua vez está localizada na rua Saldanha Marinho nº 560, próximo a uma importante avenida do centro da cidade, a avenida Getúlio Vargas. Tal boate é frequentada predominantemente por um público mais jovem (na faixa dos 18 aos 30 anos) e até adolescentes. Já *Boate Cabaret (Cabaret Night Club)*, popularmente conhecida como *Cabaré*, encontra-se numa área privilegiada, Rua Barroso nº 293 (no centro histórico da cidade de Manaus a alguns passos do glamuroso Teatro Amazonas). Tal boate atende predominantemente um público mais abastado e com uma variação bem ampla de faixa etária (que gira por volta dos 25 anos). Destaco algumas especificidades destas boates a partir da fala de diferentes agentes sociais que frequentam os diferentes espaços.

TS: *O que um frequentador busca na A2, na TS e no Cabaré?* Pra mim no Cabaré, são os mais mais da A2, não frequentam mais a A2 como antes. O Cabaré é uma coisa meio clássica, são as bichas ou que tem um poder aquisitivo maior mesmo ou que são aquelas papa ovo que ficam fazendo toda aquela cena pras mais socialite. Quando não tinha o Cabaré, então todas tinham que ir pra A2 que era a mais popzinha. Agora na A2 fica aquela coisa mais intermediária assim. Uma classe média até baixa gay. E a TS é um público mais maduro, tipo de trintão, casado e que vai pra dançar e pra transar mesmo, que é uma boate que oferece espaços bem mais propícios pra isso que a A2. É um lugar pra ficar, a TS é um lugar pra ficar, pra fazer sexo. E a A2 não, é um lugar pra você ser inserido no círculo gay da cidade. “Todos os gays vão na A2, todos os gays vão na A2”. Aí alguns gays vão no Cabaré...E como a A2 ela foi também abrindo mais um leque...por exemplo, essa coisa de na quinta-feira não pagar até 01 hora, já por exemplo, no dia de quinta-feira já vê mais esses menininhos que tão tentando se descobrir ou sei lá, tão na onda, indo mais. As menininhas também, piriguetzinhas, pessoal mais de longe né? Vai uma galera, tipo umas comitivas do São José, Santa Etelvina, não sei da onde, já vão parar lá. Então seria isso...a A2 uma coisa média, um pouco mais aberta, o Cabaré totalmente elitizado, e a TS um lugar pra acompanhados e pra quem quer sexo casual mesmo (Manaus, 05/03/2009, Entrevista com Ricardo, 27 anos, frequentador da boate TS, Homossexual).

Este trecho da entrevista feita com Ricardo é rico de detalhes. Em sua fala a noção de classe social parece com grande destaque. Neste sentido, pude perceber ao longo do trabalho de campo que uma boate GLS não é um ambiente onde as diferenças são superadas. Pelo contrário, as mesmas contradições presentes na sociedade que as cerca, também se faz presente no seu contexto. De fato, pude verificar que existe toda uma tentativa de diferenciação entre os frequentadores. Se pairava inicialmente uma noção de homogeneidade, esta aos poucos ia se revelando como um julgamento equivocado. Talvez aqui seja pertinente as considerações de Fry e McRae no que diz respeito ao processo de segmentação ocasionado pela mercantilização dos espaços GLS: “A exploração comercial deste novo mercado também acaba impondo padrões de beleza, consumo e



relacionamento, que também se tornam altamente repressivos e prejudiciais àqueles que por razões de posição socioeconômica, idade, origem étnica, comportamento etc., não se coadunam à moda vigente” (Fry; MacRae, 1985, p. 98).

Ali ficava claro que os marcadores sociais de diferenças são estabelecidos e estampados (idade, classe social, raça, gênero). Daí a diferença percebida e destacada por Ricardo com relação à próprias boates: diferenças na oferta de serviços, diferenças na dimensão espacial, diferenças na demanda de freqüentadores, enfim, é como se cada contexto possibilitasse uma experiência diversificada e específica. Aqui aparecem como destaque o poder aquisitivo, classe social, diferenças etárias, busca de serviços específicos. Autores como Marsiaj já buscavam demonstrar que por detrás do ar de aparente visibilidade ocasionada pelo “*pink money*”⁴ houve o surgimento de “desigualdades” dentro do próprio grupo gay, principalmente no que diz respeito a idéia de classe social. Conforme o autor, “corre-se o risco de aceitar o gay rico e marginalizar ainda mais a bicha pobre” (Marsiaj, 2003: 142).

As boates analisadas tinham grande tendência à diferenciação à medida em que buscavam ofertar um determinado serviço à uma demanda específica de um grupo, estando a noção de bicha pobre e pichar rica ou fina presente o tempo todo nos discursos dos freqüentadores. Noção esta que perpassava diretamente a noção de classe social, ganhando concretude nos modos diferenciados com que as próprias boates de constituíam: localização privilegiada ou não, diferença nos valores de entrada, regras de comportamento, etc. Não podemos ignorar o fato de que o freqüentar a boate não é um ato deslocado de situações e relações sociais.

Cabaré: *Quando você vai ao Cabaré o que mais te chama a atenção lá? Qual o diferencial de lá, na sua opinião?* Marco: ah, além da estrutura mais sofisticada, o público que frequenta é bem legal. Não lembro de ter visto nenhuma baixaria lá.

Pra você o Cabaré tem algum diferencial? Algo que não encontramos em outro lugar? Marco: cara é como eu te falei, é o conjunto: as músicas, tudo; a educação das pessoas. Eu sou meio chato com isso.

Você nunca teve curiosidade de ir na boate TS ou na A2? Marco: A A2 eu não suportaria!

Por que você não gosta da A2? Marco: Não gosto das pessoas que vão lá, nem muito do ambiente. E também porque eu fiquei muito bêbado, dancei no palco e a Andrea Brasil mostrou minha cueca e meu pênis pra deus e o mundo. Quanto à TS, acho que já ouvi falar, mas não é bem falada não.

Então você acha que tem diferença entre os frequentadores da A2 e os do Cabaré? Marco: Aham. *Em que sentido?* Marco: Nível social. Não tenho preconceito social algum, mas não gosto de frequentar lugares onde eu não vá me sentir bem; com pessoas que não sabem se portar, esse tipo de coisa. O Cabaré é sofisticado!

Quando você foi na A2 teve alguma coisa que te chamou a atenção ou te incomodou? Marco: O modo das pessoas se portarem me incomodou muito, sabe?, geralmente falam que homossexuais não tem pudor⁵ e só pensam em sexo. Lá você realmente sente isso, e eu acho uma puta de uma sacanagem! *Você acha isso?*

Concorda com o que dizem? Marco: É o que já ouvi da maioria das pessoas. E se eu não vivesse nesse mundo, acho que também acharia, porque muitos não se dão ao respeito, sabe?, é foda! Não são todas, mas a maioria sim.

⁴ Expressão americana, cujo sentido está relacionado ao poder de consumo dos homossexuais (dinheiro cor de rosa)

⁵ Interessante nota que em tal comentário, o gueto aparece como o lugar do ‘desregramento’.



Você acha que frequentar um espaço GLS pode queimar o filme de alguém? Marco: Aí é que está! Depende do local. O Cabaré, eu acho que é o único que é uma boate normal,⁶ sabe? (Marco, 21 anos, Frequentador da boate Cabaré, bissexual, 16/01/2009).

A sofisticação mostra-se como marca registrada da boate Cabaré. E segundo a maioria dos frequentadores com quem conversei este se torna o principal atrativo, e isto é perceptível na fala de Marco. Existe nesse sentido, uma série de elementos que ajudam a compor este ar de sofisticação: “as músicas, tudo; a educação das pessoas”. Além do que, as experiências tidas como “indesejáveis” seriam pouco prováveis que acontecessem ali. Se outras boates são “mal faladas” pelo comportamento de seus frequentadores (TS e A2), nesta boate em específico, o frequentador, segundo Marco, pode ficar tranquilo e nem mesmo teria problemas em levar amigos e familiares, tal o ar de “tranquilidade” (normalidade) e discrição. O nível social aparece como elemento de distinção e está associado a outro atributo: a educação dos frequentadores. Um dado interessante a ser ressaltado é que durante todo o trabalho de campo, os informantes davam uma ênfase demasiada ao caráter comportamental dos frequentadores. Dependendo da boate a ser frequentada qualquer comportamento tido como desviante poderia ser objeto de indiferença (no caso da A2 ou TS) ou de repreensão (no caso do Cabaré). Nas representações do senso-comum ir à uma boate GLS dependendo dos arranjos sociais que se faça (local, ambiente, acompanhantes, etc) pode ser um ato denunciante de uma possível homossexualidade. A educação referida por Marco não pode ser compreendida apenas no plano do acesso ao ensino, mas sobretudo como uma questão de comportamento desviante ou não. Para muitos informantes, auto-definidos na categoria de não-assumidos, estar em certos ambientes ou com certas companhias pode “queimar o filme”.

É assim que entendemos a referência que Marcos faz em relação ao estado de “baixaria” que cerca a boate A2. Ele não se constitui numa opinião isolada, pareceu bastante comum durante a pesquisa uma certa representação acerca do espaço das boates GLS: um lugar de devassidão e de indivíduos de baixo valor moral. Neste sentido, ao destacar que se fosse em outra boate que não o Cabaré muito provavelmente estaria sujeito a situações vexatórias e indesejadas, ressalta também, além da noção de classe, um sentido moralizante. A ênfase que é dada ao comportamento dos frequentadores das outras boates torna-se preponderante. Na representação de Marcos, os ‘homossexuais não tem pudor, não se dão respeito’. Tudo isso associado a uma visão que o lugar define os agentes sociais: ‘depende do lugar’. Em outros termos é como se quisesse dizer: ‘se você vai lá, não pode esperar outra coisa, pois eles são assim mesmo’. Esta opinião não é isolada. O que

⁶ Entre o normal e o anormal, é como se a boate ‘falasse’, ‘denunciasse’. Na fala de Marco, a boate identifica, revela, mostra quem é que a frequenta.



me chamou a atenção ao entrevistar moradores e trabalhadores das adjacências destas boates, é que, recorrentemente, associa-se uma boate GLS com o que é ilícito. Mas fica a pergunta: será que todas as possibilidades de experiência que se pode vivenciar numa boate GLS não podem também serem experimentadas num ambiente hétero? Me parece que as mesmas experiências que ocorrem nesses espaços podem ocorrer em qualquer lugar. Tratar-se-ia de interesses e vontades, e não de lugares determinados. Ou seja, aqui faço uma separação entre comportamento, orientação sexual e espacialidade. Tudo seria possível em qualquer lugar, fosse hétero ou gay. Tudo depende ‘do que se quer’. Fica evidenciado o caráter arbitrário dos sistemas de classificação que tendem a associar o espaço das boates GLS a um contexto de marginalidade. Acontece que são atribuídas a estes espaços um conjunto de significações que tem poder de criar uma identidade, um rótulo, um estigma, que eles mesmos não possuem. É o que Bourdieu chama de “ato da magia social” (2007: 116), em que algo que é produto das relações sociais de apresenta como algo naturalizável. Um mecanismo que visa o controle, a criação de um habitus, a manutenção de uma ordem (Bourdieu, 2003).

A2: A2 e Cabaré. Iguais? Diferentes? Bem, resumindo a A2 é...eu achei um local muito mais popular e o Cabaré é um local bem mais elitizado. Começa pela entrada né? e pelo próprio ambiente né? O Cabaré tem um Q. Eu não vou dizer “nossa que sofisticado!”, mas tem um Q de sofisticação. E que a A2, ela não. Uma coisa mais popular mesmo e tal. E assim...no Cabaré eu vi bem menos gente, tinha gente muito bonita, e na A2 vi muita gente, fervilhando. E tocava de tudo, ticava forró...até a música que toca é diferente entre esses dois ambientes. Na A2 toca música popular, do povão, toca forró, toca funk, e já no Cabaré toca um trance, um pisa, uma coisa bem... né?, uma outra coisa, um outro nível.

*Nível das relações...*Na A2 as pessoas se abraçam, trocam carícias. No cabaré isso acontece mas não tão escrachado né? Na A2 é bem escrachado, é bem...é como se fosse assim a última fronteira mesmo: “Estamos aqui pra soltar a franga!” E lá no Cabaré não! Tem uma certa sutileza nas coisas. Até de uma mulher chegar com outra mulher ou de um homem chegar com outro homem que...Na A2, já se grita: “lindo! maravilhoso!”, essas coisas assim. Tem essa pequena diferença mas na verdade nos dois ambientes eles...eu vejo que eles se sentem protegidos, seguros (Entrevista com Cristina, 24 anos, frequentadora da A2, heterossexual, 05/03/09).

Segundo Cristina, o contato com o universo da boate lhe possibilitou conhecer um contexto antes ignorado. O que nos chama a atenção é a ênfase dada por ela para as relações sociais que se dão no interior da boate. A informante também destaca entre outras coisas a importância da visibilidade das boates. Segundo Cristina, o frequentador de uma boate GLS é específico e demonstra organização. Para ela, o crescimento destes espaços manifestam o poder de mobilização destes grupos e a crescente visibilidade que começam a alcançar socialmente. Ao longo do relato, Cristina, assim como outros informantes, destaca a dimensão de classe presente no contexto das boates GLS. O Cabaré é retratado mais uma vez como sofisticado, aspecto associado ao tipo de serviço oferecido; já a A2 ganha um tom popular, destaque para o tipo de música que ali pode ser encontrado. Deste modo, faz-se presente o que França destaca como sendo uma das conseqüências do desenvolvimento dos espaços GLS:



O seu desenvolvimento é atravessado por relações de poder que empurram “mais gordos”, “mais velhos”, pobres, negros, travestis, michês e “efeminados”/“masculinizadas” para espaços marcados por um menor prestígio social e menor integração a circuitos globais. Seu caráter excludente surge com força quando olhamos para as pessoas nas pontas mais marginalizadas socialmente, às quais não é permitido exercer sequer o papel de consumidoras.⁷

No nível das relações, Cristina diz que no Cabaré as coisas são mais ‘mascaradas’ (menos claras) se comparadas com a A2. Com relação às relações afetivas que se dão nesta última (A2), o adjetivo utilizado é ‘escrachado’. Apesar do ar de ‘segurança’ que cerca ambas as boates, na visão de Cristina, a vivência ali proporcionada não é idêntica. O que isso significa? Que talvez, mesmo em se tratando de um *point* GLS, as boates tem formas diferentes de lidar com o comportamento de seus clientes indo desde uma postura de “permissividade” (boate TS e A2) ou até mesmo uma permanente proibição (caso da boate Cabaré). O motivo? Podem ser vários. Mas talvez, a própria necessidade de distinção com relação às outras boates existentes, fez com que esta boate acabasse optando por uma postura mais ‘discreta’ e menos ‘chamativa’. E este é um dos aspectos destacados na apresentação da boate Cabaré feita pelos próprios proprietários, que ressaltavam que aquele espaço era uma boate para entretenimento e não espaço de pegação.

Vale ressaltar ainda que, para Cristina, na A2 as pessoas se sentem bem mais a vontade para se comportarem de uma forma que no Cabaré não é possível. Mas o que é o sentir-se a vontade? Retomo aqui as reflexões de Roberto Da Matta (1997). Tal autor apresenta em sua análise da sociedade brasileira categorias conceituais relacionadas ao aspecto espacial da casa e da rua. A casa estaria para o privado, como a rua para o público. Segundo Da Matta, assim como a casa é símbolo das relações de cordialidade e dos vínculos de compadrio; a rua evoca uma dimensão de objetividade e afastamento. Contudo, não são realidades oponentes. No caso da sociedade brasileira, podemos até dizer que são realidades complementares. Suponho que o “estar a vontade” não esteja fora desta lógica. Daí o termo êmico, extremamente utilizado nas boates tanto pelos frequentadores, quanto pelos proprietários: casa. Por outro lado, ressalto ainda que o “sentir-se a vontade” também se insere numa lógica de “segurança”, ou seja, para um frequentador, o espaço das boates possibilitaria uma certa sensação de proteção diante de possíveis situações de preconceito e discriminação. Conforme Edward McRae,

Os sentimentos de culpa e pecado que oprimem o homossexual são constantemente repostos por fatores sociais que levam a ocultar-se, a ter medo do ridículo, da prisão, do desemprego, do ostracismo por parte dos amigos e familiares. O gueto é um lugar onde tais pressões são momentaneamente afastadas e, portanto, onde o homossexual tem mais condições de se assumir e de testar um nova identidade social. Uma vez reconstruída a nova identidade, ele adquire coragem para assumi-la em âmbitos menos restritos e, em muitos casos, pode vir a

⁷ FRANÇA, Isadora Lins. Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. Cadernos PAGU (28), janeiro-junho de 2007, p. 237.



ser conhecido como homossexual em todos os meios que frequenta. Por isso, é da maior importância a existência do gueto. Mais cedo ou mais tarde, acaba afetando outras áreas da sociedade.⁸

Compreendo, contudo, que tais espaços não podem ser encarados sob um ponto de vista romântico. Na própria configuração dessas boates há diferenciações e distanciamentos. No campo pude notar que são estabelecidas uma série de hierarquias (ainda que sejam de valores e significados). Os agentes sociais ocupam espaços distintos nessa teia de relações. Há as classificações, os estereótipos.

Conclusão

Enfim, acredito a partir do que foi constatado durante a pesquisa, que o espaço das boates pode não se configurar como o melhor mecanismo de visibilidade, contudo não podemos perder de vista seu caráter reivindicatório. É bom deixar claro que, certamente, um frequentador que vai ao espaço da boate para se divertir não está preocupado com a “bandeira de luta” dos movimentos sociais LGBT. Pelo contrário, é mais provável que encontremos pessoas que queiram permanecer no anonimato. Contudo, entendo que a dimensão política não está estritamente relacionada à mobilização dos movimentos sociais. Defendo a tese de que estes espaços, ainda que tenham sido resultado de um movimento mercadológico, ultrapassou os limites da mercadoria. Para mim trata-se de uma dádiva, à maneira de Strathern (2006). Ou seja, o caráter imediatista do mercado “cor de rosa”, ganha uma autonomia que passa não depender diretamente daqueles que o cunharam. Acredito, assim, que a constante externalização desses espaços (através da mídia, dos panfletos, das redes de relações), ainda que permeada de aspectos limitadores, tem um efeito importante para o aumento da visibilidade da população LGBTTTT.

BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 7ª ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2007.

_____. Efeitos de Lugar. In: *A miséria do mundo*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

DA MATTA, Roberto. *A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

FRANÇA, Isadora Lins. *Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo*. Cadernos PAGU (28), janeiro-junho de 2007: 227-255.

⁸ **MACRAE**, Edward. Em defesa do gueto. **GREEN**, James; **TRINDADE**, Ronaldo (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2005, p. 299.



FRY, Peter; **MACRAE**, Edward. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

HENNING, Carlos Eduardo. *As diferenças na diferença: hierarquia e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS de Florianópolis/SC*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia Social do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2008.

MACRAE, Edward. Em defesa do gueto. **GREEN**, James; **TRINDADE**, Ronaldo (Orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2005.

MARSIAJ, Juan P. P. Gays ricos e bichas pobres: desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil. In: *Cadernos AEL: Homossexualidade, Sociedade, Movimento e Lutas*. Campinas, UNICAMP / IFCH / AEL, v. 10, n.18./19, 2003, pp. 129-150.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do michê: A Prostituição Viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras; **PERUCCHI**, Juliana. *Territorialidade homoerótica: apontamentos para os estudos de gênero*. Revista Psicologia & Sociedade. Vol 18. nº 3. Porto Alegre: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006 (Set/Dez).

STRATHERN, Marilyn. *O Gênero da Dádiva*. Campinas: Ed. Unicamp, 2006.